

DUAS ABORDAGENS DE GÊNERO E DISCURSO NA VERTENTE ANGLO-SAXÔNICA

TWO APPROACHES FOR GENRE AND DISCOURSE FROM ANGLO-SAXONIC PERSPECTIVE

**Cleydiane Alves Santana de Almeida¹, Roberta Rego Rodrigues²,
Viviane Seabra Pinheiro³**

Recebido para publicação em 21/11/2007

Aceito para publicação em 26/02/2008

RESUMO

Este artigo expõe duas abordagens de gênero e discurso enquadradas na vertente anglo-saxônica de Análise do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003; van LEEUWEN, 2005). Mais especificamente, tais abordagens vinculam-se ao campo disciplinar emergente Análise Crítica do Discurso. A título de aplicação, são utilizadas três reportagens acerca da morte do brasileiro Jean Charles de Menezes, partindo de uma perspectiva micro em direção a uma perspectiva macro. O objetivo principal é mostrar a viabilidade de aplicação dessas abordagens.

Palavras-chave : Gênero; Discurso; Análise Crítica do Discurso; Jean Charles de Menezes.

ABSTRACT

This paper deals with two approaches for genre and discourse from Anglo-Saxonic perspective of Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2003; van LEEUWEN, 2005). More specifically, such approaches relate to the emerging disciplinary field Critical Discourse Analysis. Three reports on Brazilian Jean Charles de Menezes' death are used from a lexicogrammatical and semantic point of view towards a discursive angle. The main aim is to show the viability of these approaches.

Key words: Genre; Discourse; Critical Discourse Analysis; Jean Charles de Menezes.

¹ CEUB

² Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais. vivyseabra@yahoo.com.br

1 Introdução

Neste artigo, percorreremos duas abordagens de gênero e discurso, buscando favorecer e facilitar a compreensão desses conceitos indispensáveis aos estudos da linguagem. Começaremos revisando algumas definições propostas por diferentes teóricos sobre os conceitos em questão para, em seguida, à luz da teoria, propor uma análise parcial de trechos de três reportagens sobre a morte de Jean Charles de Menezes, ocorrida em um metrô de Londres em julho de 2005. O objetivo é o de que, ao concluirmos a fase de análise, possamos ter uma idéia mais clara a respeito dos conceitos trabalhados e uma maior facilidade de aplicá-los e utilizá-los. Cumpre mencionar que esta análise é tentativa e que é uma possibilidade dentre várias outras.

2 Abordagens de gênero

2.1 A abordagem de gênero de Fairclough

De acordo com Fairclough (2003:65), gêneros “são o aspecto especificamente discursivo de formas de agir e interagir no curso dos eventos sociais”⁴. Assim, analisar um texto ou interação em termos de gênero é investigar como ele atua na e contribui para a ação e interação nos eventos sociais. Um aspecto característico da abordagem desse autor é a conexão que ele estabelece entre a análise dos gêneros e vários temas na pesquisa social.

Duas considerações preliminares sobre gêneros são colocadas pelo autor: eles variam consideravelmente em termos do seu grau de estabilização, fixidez e homogeneização – alguns são tão bem definidos a ponto de serem ritualizados, enquanto outros estão em constante fluxo; e não há terminologia estabelecida para os gêneros.

Fairclough (2003), ao analisar aspectos dos gêneros, sugere que a análise destes deve conter:

- (1) análise das cadeias genéricas;
- (2) análise das misturas de gêneros em um texto particular e;
- (3) análise de gêneros individuais em um texto

particular.

Se focalizarmos neste último ponto, como faz o autor, estamos nos propondo a observar o caráter interdiscursivo de um texto (a mistura de gêneros, discursos e estilos) realizado em seus traços semânticos, gramaticais e lexicais. Os gêneros são realizados em significados acionais e formas de um texto, os discursos em significados representacionais e formas, e os estilos em significados identificacionais e formas, de modo que a cada um desses aspectos textuais estarão primariamente associadas certas relações semânticas ou categorias gramaticais. Como aspectos da organização textual e traços dos textos em diferentes níveis que são primariamente moldados por e dependentes do gênero, podemos citar: a estrutura genérica ou organização do texto; relações semânticas entre orações e sentenças e entre grandes extensões do texto; relações formais (incluindo gramaticais) entre sentenças e orações; no nível da oração, tipos de interação, função de fala, Modo Oracional; o modo de intertextualidade de um texto, ou seja, o modo como outros textos e vozes são nele incorporados (FAIRCLOUGH, 2003).

Segundo o autor, os gêneros podem ser definidos de acordo com diferentes níveis de abstração. Os pré-gêneros são os gêneros em um alto nível de abstração, como a narrativa, o diálogo, a argumentação e a descrição. Eles são categorias que transcendem redes particulares de práticas sociais: conhecemos, por exemplo, vários tipos de gêneros narrativos, como as narrativas conversacionais, as histórias contadas nas notícias. Mas, de acordo com Fairclough (2003), há ainda os gêneros desencaixados, aqueles que são menos abstratos que a narrativa, por exemplo, mas que transcendem ainda redes particulares de práticas sociais, como é o caso da entrevista. E, além desses, há também os gêneros situados: aqueles que são específicos para redes de práticas particulares, como a entrevista etnográfica. Porém, os textos podem ser inovadores em termos de gênero, misturando vários tipos deste. Os formatos, textos que são construídos a partir de diferentes textos pertencentes a diferentes gêneros, como é o caso dos *websites*, são um bom exemplo dessa mistura. Mas, em certos casos, podemos

⁴ Nossa tradução de: “(...) are the specifically discursal aspect of ways of acting and interacting in the course of social events (...)”

perceber uma hierarquia genérica nos textos, havendo um gênero principal e alguns sub-gêneros.

Os gêneros individuais de um texto ou interação podem ser analisados, segundo Fairclough (2003), em termos de (1) atividade (o que as pessoas estão fazendo discursivamente), (2) relações sociais (quais são as relações sociais entre elas) e (3) tecnologia comunicativa (de qual tecnologia de comunicação a atividade depende).

É comum definir gênero de acordo com os propósitos da atividade. Mas um gênero particular pode ter vários propósitos, que podem ser hierarquicamente ordenados, implícitos ou explícitos, e, segundo Fairclough (2003), olhar a hierarquia dos propósitos é uma forma de ver como um texto ou interação atua em redes de práticas. O autor afirma que há problemas em privilegiar o propósito na definição do gênero, pois nem todos os gêneros têm um propósito social definido. O privilégio do propósito relaciona-se à idéia de que a análise do gênero estaria preocupada com sua divisão em estágios, com a diferenciação dos gêneros em termos de estrutura genérica. Mas Fairclough (2003) ressalta que a análise da estrutura é interessante no caso dos gêneros estratégicos, guiados pelo propósito. Mas, uma vez que os textos misturam gêneros, em certos casos torna-se uma tarefa difícil identificar sua estrutura. Quanto mais ritualizada a atividade, mais relevante é tal análise. O autor conclui que precisamos olhar para os estágios ao analisar um texto, mas não podemos esperar sempre encontrar uma estrutura genérica clara.

Quanto à interação, Fairclough (2003:75) afirma que “os gêneros, como formas de interação, constituem tipos particulares de relações sociais entre os interagentes”⁵. As relações sociais são relações entre agentes sociais, que podem ser organizações, grupos ou indivíduos, entre os quais se dá a comunicação.

De acordo com Fairclough (2003), uma forma de distinguir entre gêneros é observar a tecnologia comunicativa para a qual eles são especializados, e o desenvolvimento nas tecnologias de comunicação é um fator na mudança de gêneros. Um exemplo é o surgimento dos formatos, como anteriormente mencionado, que reúnem gêneros característicos de outras tecnolo-

logias (tipografia) e gêneros que se desenvolveram como parte da mudança tecnológica (e-mail). Segundo Fairclough (2003), a novidade do formato deve-se parcialmente a sua forma particular de multimodalidade, ao fato de ele reunir diferentes modos semióticos. Uma questão geral que surge na análise de gêneros é quais modos semióticos são usados e como eles são combinados.

2.2 A abordagem de gênero de van Leeuwen

van Leeuwen (2005) afirma que a semiótica social explora duas questões que são inter-relacionadas: os recursos materiais da comunicação e a maneira pela qual seu uso é socialmente regulado. Tais recursos podem ser fisiológicos ou técnicos. Dentre os primeiros, incluem-se nosso aparato vocal e os músculos que usamos para criar expressões faciais, gestos e outras ações físicas que realizam a comunicação não-verbal, cujo uso é socialmente regulado, já que a comunicação sempre acontece dentro de, ou mesmo em oposição a, limites socialmente definidos de situações específicas. Já os recursos técnicos são aqueles que estendem o potencial dos recursos fisiológicos (instrumentos musicais, roupas, perfumes), incluindo as tecnologias criadas para preservar os atos comunicativos (escrita ou gravação) ou para distribuí-los à distância (telefone etc). O uso desses recursos também é socialmente regulado, por meio da restrição de acesso a eles, por exemplo. O objeto da semiótica social é, portanto, a conjunção desses dois aspectos dos recursos semióticos: sua natureza física ou técnica e a regulação social de seu uso. Assim, conclui-se que a semiótica social relaciona-se a como usamos os recursos materiais para produzir significado. Mas, como não há o “como” sem o “o quê”, é preciso olhar para o significado em si, o que van Leeuwen (2005) faz por meio do discurso, que será abordado adiante.

Primeiramente, falaremos da abordagem de gênero do autor, que usa esse conceito, aliado ao conceito de ato de fala, para delinear uma abordagem semiótica social para o “como” da comunicação. O gênero, para van Leeuwen (2005), é uma prática social que recontextualiza uma ou mais práticas sociais, importando-as do seu contexto original para outro con-

⁵ Nossa tradução de: “(...) as forms of interaction constitute particular sorts of social relations between interactants.”

texto, com o propósito de representá-las para os participantes deste contexto e atendendo a seus interesses e propósitos. O autor ressalta que a prática representada pode também ser um gênero.

Halliday (apud van LEEUWEN, 2005) enfatiza que os atos de fala são dialógicos, considerando que eles são uma troca, um “inter-ato”, no qual dar implica receber e demandar implica dar uma resposta. Assim ele distingue entre quatro tipos de interações: oferta de informação, demanda de informação, oferta de bens e serviços e demanda de bens e serviços.

Os atos de fala são realizados pelas combinações de traços lingüísticos, não lingüísticos e contextuais. Ao falar dos atos comunicativos multimodais, van Leeuwen (2005) afirma que as imagens têm sido estudadas como representações ao invés de interações. Porém, o autor argumenta que elas são usadas também para fazer coisas: instruir, persuadir, explicar, por exemplo. Kress e van Leeuwen (apud van LEEUWEN, 2005) estenderam a teoria das funções do discurso de Halliday para o visual, postulando, assim, que as imagens podem ofertar ou demandar, o que é feito pelo sistema do olhar. A natureza das ofertas e demandas realizadas nos eventos comunicativos multimodais, segundo van Leeuwen (2005), é dada por uma combinação de diferentes traços visuais e contextuais, como no caso do ato de fala. O autor propõe que os atos de fala sejam renomeados atos comunicativos e entendidos como micro eventos multimodais nos quais todos os signos presentes combinam para determinar a intenção comunicativa.

O autor fala, então, do gênero e do discurso no ato de contar histórias. Ele afirma que o termo “gênero” é usado para significar um tipo de texto, e estes tornam-se típicos quando têm características comuns a outros textos similares. A razão para isso é que as pessoas que produzem textos seguem certas regras, tradições, prescrições etc. Três tipos de características típicas caracterizam os gêneros: características de conteúdo, forma (meios de expressão que usam) e função (o que fazem). A abordagem orientada pelo conteúdo para caracterizar gêneros é comum na literatura e estudos fílmicos. Na semiótica social, o conteúdo é estudado no discurso. Uma abordagem semiótica social ao gênero focaliza, então, nas funções dos textos em interações sociais, no que as pessoas fazem por meio dos textos, concentrando-se na forma como di-

ferentes tipos de estrutura “início-meio-fim” ajudam a realizar práticas comunicativas (van LEEUWEN, 2005). Mas estudar o texto somente não é suficiente, uma vez que as seqüências de ações comunicativas que formam os gêneros se dão dentro de práticas sociais que contêm outros elementos (atores, tempo, espaço...). Deve-se olhar não apenas o “o quê”, as ações, mas também quem as fez, para quem, onde, quando, e assim por diante.

Desse modo, o autor conclui que o gênero é apenas um dos três recursos textuais chave que devem ser explorados: um texto não deve ser analisado somente em termos do que ele faz, mas também do que ele representa (discurso) e de suas características estilísticas (estilo).

De acordo com van Leeuwen (2005), o gênero é um processo multimodal, constituído por estágios. Eis as principais características da teoria semiótica social do gênero: um gênero consiste de uma série de estágios com rótulos funcionais, que indicam seu trabalho comunicativo; cada estágio consiste de um ou mais dos mesmos atos de fala; a seqüência dos estágios realiza uma estratégia particular para alcançar um objetivo comunicativo global; como cada estágio é homogêneo em termos dos atos comunicativos que contém, ele será também homogêneo em termos dos traços lingüísticos que o caracterizam. Assim, os gêneros são recursos semióticos, “fôrmas” para se realizar a comunicação. Eles são versáteis, mas não são neutros, livres de valor: eles são formas de comunicação cultural e historicamente específicas e realizam relações de poder cultural e historicamente específicas entre os participantes.

Considerando a concepção multimodal de gêneros, tomemos como exemplo uma situação de compra em um supermercado: ela não se realiza somente por meio da fala, diferentemente do que apontou Hasan (apud van LEEUWEN, 2005), o que mostra também que os gêneros são cultural e historicamente específicos.

3 Abordagens do Discurso

3.1 A abordagem do discurso de Fairclough

Para Fairclough (2003:124), os discursos são

“formas de representar aspectos do mundo”⁶ – material, mental e social. Esses aspectos podem ser representados de formas diferentes, o que gera diferentes discursos, diferentes perspectivas sobre o mundo, associadas com diferentes relações que as pessoas têm com este, o que depende de sua posição, de sua identidade social e pessoal e das relações sociais estabelecidas com outras pessoas. Porém, os discursos não somente representam o mundo: eles também projetam mundos possíveis, podendo estar ligados a projetos de mudança da realidade. A relação entre discursos diferentes faz parte da relação entre pessoas diferentes: elas podem se complementar, competir, dominar... Os discursos são um dos recursos que as pessoas empregam para se relacionarem (FAIRCLOUGH, 2003).

Falar de discursos como formas de representação pressupõe um grau de repetição (no sentido de que eles são compartilhados por grupos de pessoas) e estabilidade. Em qualquer texto podemos encontrar diferentes representações de aspectos do mundo, mas cada representação não é um discurso diferente. Segundo Fairclough (2003), os discursos transcendem tais representações concretas e locais, e um discurso particular pode gerar muitas representações específicas.

Mas os discursos diferem em seu grau de repetição, estabilidade e em escala, isto é, em quanto do mundo eles incluem e, portanto, na variedade de representações que eles podem gerar. Como no caso dos gêneros, podemos distinguir diferentes níveis de abstração e generalidade ao falar dos discursos. O discurso cartesiano, por exemplo, pode gerar uma grande variedade de representações, podendo ser considerado em um nível mais geral e abstrato, enquanto o discurso do liberalismo pode ser visto como menos geral.

Segundo Fairclough (2003), os discursos são heterogêneos. Assim, para distinguir um discurso, devemos identificar modos socialmente significantes (parcialmente estáveis, parcialmente variáveis) de representar o mundo. Até mesmo o discurso mais localizado e específico pode ser visto como uma combinação de outros discursos, e é assim que novos discursos

emergem.

Textos diferentes dentro da mesma rede de eventos ou que estão situados em relação à mesma rede de práticas sociais e que representam os mesmos aspectos da realidade diferem nos discursos nos quais eles se apóiam. Fairclough (2003) mostra que as relações dialógicas polêmicas entre os discursos de um texto e outros discursos é uma forma de misturar diferentes discursos, mas geralmente o discurso do próprio texto é híbrido. Desse modo, uma análise interdiscursiva dos textos deve se preocupar com a identificação dos discursos usados e com o modo como eles são articulados.

Como identificamos diferentes discursos em um texto? Podemos pensar em um discurso como (1) uma representação de alguma parte do mundo e (2) a partir de uma perspectiva particular. Assim, na análise textual podemos (1) identificar as partes principais do mundo que são representadas (temas principais) e (2) identificar a perspectiva particular ou ponto de vista a partir do qual elas são representadas. Um texto pode conter vários temas, e cada um deles pode ser representado de várias formas, por diferentes discursos (FAIRCLOUGH, 2003).

O vocabulário associado a diferentes discursos em um domínio particular da vida social pode ser diferente, mas pode sobrepor-se. Discursos diferentes podem usar as mesmas palavras, mas elas são usadas diferentemente, e as diferenças podem ser identificadas apenas pela focalização de relações semânticas. Uma forma de reconhecer essa diferença relacional é por meio das colocações, padrões de co-ocorrência de palavras nos textos, e a forma mais efetiva de se explorar os padrões de colocações nos textos, segundo Fairclough (2003), é por meio de análise de corpus assistida pelo computador.

Os discursos podem ser diferenciados também pelos tipos de metáfora usados. As metáforas diferem entre os discursos, sendo um recurso para produzir diferentes representações do mundo. Mas Fairclough (2003) afirma que são as combinações particulares de metáforas que diferenciam os discursos. Da mesma forma, as pressuposições e assunções são específicas e dependentes do discurso. Porém, os discursos são

⁶ Nossa tradução de: “(...) ways of representing aspects of the world (...)”

caracterizados e diferenciados não somente pelos traços do vocabulário, relações semânticas e assunções, mas também por traços gramaticais. Eles diferem em como elementos dos eventos sociais (processos, pessoas, objetos, meios, tempo, espaço) são representados, e essas diferenças podem ser gramaticais e lexicais.

3.2 A abordagem do discurso de van Leeuwen

Segundo van Leeuwen (2005), o termo discurso é usado comumente com referência ao texto, escrito ou falado, sendo a Análise do Discurso a análise de um texto estendido. Porém, o autor usa esse termo em sentido diferente, com base no trabalho de Foucault, definindo discursos como “conhecimentos socialmente construídos de algum aspecto da realidade”⁷ (van LEEUWEN, 2005:94). E por “socialmente construídos” ele se refere ao fato de tais conhecimentos terem sido desenvolvidos em contextos sociais específicos e de formas apropriadas aos interesses dos atores sociais nesses contextos.

Uma questão central colocada por van Leeuwen é a pluralidade dos discursos: há diversas formas de conhecer e de representar o mesmo objeto do conhecimento. O mesmo indivíduo pode ter diferentes conhecimentos sobre o mesmo objeto, podendo falar sobre ele de várias maneiras (vários discursos), dependendo da situação ou de seus interesses e propósitos.

van Leeuwen (2005) exemplifica a questão da pluralidade dos discursos, ao citar o caso de dois discursos diferentes sobre o coração: o “coração como bomba” e o “coração como fator de risco”. O primeiro é típico de uma racionalidade científica que serviu, por séculos, aos interesses do progresso econômico e tecnológico. Já o segundo tipo de discurso assinala o fim do monopólio da racionalidade científica e a emergência de um novo tipo de racionalidade social ou ética que terá de trabalhar com a primeira (van LEEUWEN, 2005). Como pontos chave que emergem de tais exemplos, van Leeuwen (2005) aponta os seguintes: os discursos são finitos (contêm um limitado número de proposições ou elementos), têm uma história (seu surgimento relaciona-se a determinados inte-

resses, práticas sociais e relações sociais), têm uma distribuição social (um mesmo discurso pertence a uma mesma formação discursiva), podem ser realizados de formas diferentes (por meio de ações ou representações – conversas, livros, lições, reportagens, programas, propagandas).

Segundo o autor, os discursos são realizações da prática social: eles derivam do que fazemos. Nossas ações nos dão ferramentas para entender o mundo ao nosso redor. Nas representações ficcionais, pode ser mais difícil ver o *link* entre os discursos e atores sociais e práticas sociais reais, mesmo porque os contadores de histórias podem inventar e transformar a realidade. Mas, mesmo assim, mesmo os contos de fada referem-se, em última instância, a ações sociais e atores sociais reais.

No entanto, van Leeuwen (2005) afirma que os discursos podem transformar as práticas sociais de forma a salvaguardar os interesses em jogo em dado contexto social. Um exemplo é que a representação da prática científica, quando destinada ao público em geral ao invés de aos pares, estabelece a autoridade apresentando-as como verdade objetiva (processos relacionais) no lugar de uma linguagem que mostre que os fatos apresentados partiram da prática dos cientistas (processos materiais).

Ao falar da anatomia do discurso, van Leeuwen afirma que *um* discurso como o da dieta saudável, por exemplo, é um discurso sobre uma prática social, a alimentação, que poderia ser representada como uma forma de obter prazer. Isso sugere que os discursos não são nunca somente sobre o que fazemos, mas sempre também sobre por que o fazemos. Os discursos que usamos para representar práticas sociais são versões dessas práticas mais as idéias e atitudes que anexamos a elas nos contextos em que as usamos. As idéias ou avaliações são de três tipos: avaliações, propósitos e legitimações, sendo que as primeiras e as últimas podem também ser realizadas visualmente.

Quanto à questão de os discursos serem versões de uma prática social, o autor levanta a pergunta de como o discurso o faz. Para explicá-lo, ele percorre dois passos: primeiro, faz um inventário dos elementos das práticas sociais e só então observa como eles

⁷ Nossa tradução de: “(...) socially constructed knowledges of some aspect of reality.”

são transformados em discurso. Os elementos essenciais de qualquer prática social são: as ações, o modo, os atores, apresentação, recursos, tempo, espaço. Mas os discursos sobre uma dada prática não precisam incluir todos os elementos daquela prática. Isso porque, de acordo com van Leeuwen (2005), o conhecimento é seletivo, e o que ele seleciona depende dos interesses e propósitos das instituições que mantêm o conhecimento.

Como a realidade é transformada em discurso? Há quatro tipos básicos de transformação, segundo o autor: exclusão (o discurso pode excluir elementos da prática social), rearranjo (discursos podem rearranjar elementos das práticas sociais), adição (eles podem adicionar elementos à representação) e substituição (discursos substituem conceitos pelos elementos concretos das práticas sociais). Como tipos de substituição, podemos citar a generalização e a objetificação.

Tendo feito uma breve revisão de duas perspectivas relativas aos conceitos de gênero e discurso na vertente anglo-saxônica, passemos aos procedimentos metodológicos utilizados na realização da análise empreendida.

5 Metodologia

Numa perspectiva micro, a metodologia consiste na identificação e classificação de categorias pertencentes ao componente Experiencial da Metafunção Ideacional; à Metafunção Interpessoal e à Metafunção Textual (HALLIDAY, 1994) em trechos de três reportagens das revistas *Carta Capital*, *Época* e *Veja*, concernentes à morte brutal de Jean Charles de Menezes. As categorias contempladas foram as seguintes: Participantes, Processos e Circunstâncias (componente Experiencial da Metafunção Ideacional); Sujeitos Gramaticais e Finitos (Modo Oracional), Predicadores e Adjuntos Modais (Metafunção Interpessoal) e Temas (Metafunção Textual). Para empregar tal análise lingüística, selecionamos os *leads* ('cabeças', vulgo 'subtítulos') das reportagens e as circunstâncias em que tal fato ocorreu, com vistas a articular tais categorias com uma visão macro de discurso e gênero.

Seguem, então, a análise e a discussão dos dados deste artigo.

6 Análise e discussão dos dados

Como explicitado na seção sobre a Metodologia, foram selecionados três *leads* e três trechos retirados de três diferentes revistas, a saber, *Carta Capital*, *Época* e *Veja*, os quais dizem respeito a perspectivas em relação à morte de Jean Charles. No caso das revistas, há a voz institucional da mídia, que tem interesses a serem atendidos, de acordo com seu posicionamento. Ao analisar discurso e gênero neste corpus, seguiremos, então, os moldes de Fairclough (2003) e van Leeuwen (2005) no que diz respeito à análise crítica do discurso, a qual é feita levando-se em conta questões sociais mais amplas como as que foram mencionadas.

Vejam os trechos seguidos de sua análise a partir de uma perspectiva micro em direção a uma perspectiva macro.

Leads ("Cabeças" das reportagens')

1- Polícia inglesa confunde brasileiro com terrorista e o mata com sete tiros na cabeça.

(Revista *Veja*. São Paulo: Ed. Abril. Ago. 2005. p.86)

2- O Reino Unido lamenta a morte de brasileiro inocente, mas não muda a nova política de atirar para matar.

(Revista *Época*. São Paulo: Ed. Globo. Ago. 2005.)

3- EUROPA EM PÂNICO. A morte de um brasileiro inocente mostra como o terror conseguiu colocar os direitos civis em segundo plano.

(Revista *CARTA CAPITAL*. São Paulo. Ed. Confiança, ano XI, n.353, Ago.2005, p.38)

A representação do discurso feita pela revista *Veja* em seu *lead* pauta-se por escolhas lexicais que, por exemplo, colocam a "Polícia inglesa" como ponto de partida da mensagem e como Experienciador, o que confere a ela um caráter proeminente na abertura da reportagem (o que Fairclough [2003] chama de focalização) e o status de uma instituição que planeja suas táticas, que, no entanto, nem sempre dão certo. Isso pode ser evidenciado pelo Processo Mental "confunde", que indica o pensamento prévio sobre a ação que não foi bem sucedida neste contexto. Tal representação mental relaciona-se com a morte de Jean Charles que é a Meta realizada pelo pronome "o" e também Tema desta parte do período. A revista *Veja* ressalta um equívoco da Polícia Inglesa, uma institui-

ção famosa pela sua competência, e a conseqüência deste equívoco – a morte do brasileiro Jean Charles de Menezes.

No *lead* da reportagem da revista *Época*, novamente vemos uma instituição que é tematizada (o governo do Reino Unido), representada pelo participante Dizente, aquele que faz uso do Processo Verbal para ilocucionar algum ato de fala, que, neste caso, é um lamento em relação à morte de Jean Charles, uma espécie de condolências. O Adjunto Modal “não”, relacionado ao Processo Material “muda”, indica que o lamento por parte do governo britânico pode ser somente um ato ilocucionário de boa educação, não servindo assim para modificar a nova política de segurança que assola o Reino Unido.

O *lead* da matéria da revista *Carta Capital* inicia-se com um Absoluto (“Europa em pânico”) que consiste em uma estrutura que não possui nem Transividade e nem Modo Oracional. Essa estrutura faz com que os leitores não contestem a informação veiculada (BUTT et al., 2000). Tal Absoluto poderia ser parafraseado como “Europa está em pânico”, mas a exclusão do Processo por parte do jornalista deve ser levada em conta, já que expressa sua visão acerca do evento. Neste *lead*, “A morte de um brasileiro inocente” e “o terror” são Sujeitos Gramaticais e Temas do período, sendo Participantes do Processo Material e do Processo Mental, respectivamente. Ademais, a Circunstância “em segundo plano” mostra como a questão dos direitos civis precisa ser revista na opinião do jornalista e/ou de sua comunidade discursiva.

Em seguida, trechos das reportagens que relatam como a morte de Jean Charles ocorreu.

Como o fato ocorreu

4- Na sexta feira, os quatro terroristas, dois deles cidadãos britânicos, já tinham sido presos. Executado por policiais à paisana com oito tiros à queima-roupa – sete na cabeça, um no ombro – quando tentava pegar o metrô para ir ao trabalho, o mineiro de 27 anos teve uma morte brutal por uma infeliz série de coincidências e erros de julgamento da Scotland Yard.

(Revista *Veja*. São Paulo: Ed. Abril. Ago. 2005. p.86)

5- (...) Jean Charles de Menezes. Tomado como um suspeito na tensa atmosfera que se abateu sobre a capital do Reino Unido, Menezes foi alvejado oito vezes numa estação de metrô por policiais à paisana. Sete balas atingiram a cabeça do electricista, que vivia na cidade desde 2002.

(Revista *Época*. São Paulo: Ed. Globo. Ago. 2005.)

6- Talvez devido ao fato de ter cabelos negros, embora de pele branca, o electricista brasileiro Jean Charles de Menezes, de 27 anos, de Gonzaga (MG), foi perseguido por policiais à paisana e morto, na visão de um observador, como um “coelho encurralado”. Ele estava no chão de um vagão de metrô no sul de Londres, e mesmo assim levou sete tiros na cabeça e um no ombro.

(Revista *CARTA CAPITAL*. São Paulo. Ed. Confiança, ano XI, n.353, Ago. 2005, p.38)

Todas as revistas, em seus respectivos trechos, relatam, por meio de Circunstâncias, como o fato ocorreu. Algumas Circunstâncias foram mais específicas nas revistas *Veja* e *Carta Capital*, que falaram com exatidão a quantidade de tiros e sua localização, ao passo que a revista *Época* somente mencionou quantos foram os tiros. Em todas os trechos (exemplos 4, 5 e 6), o mineiro Jean Charles de Menezes ocupa uma posição passiva, sendo elidido em um dado momento nas revistas *Veja* e *Época*. Novamente, a revista *Veja* menciona uma instituição, a *Scotland Yard*. O que se torna distintivo é o fato de a revista *Carta Capital* suscitar uma questão racial por meio do Tema Experiencial Oracional “Talvez devido ao fato de ter cabelos negros, embora de pele branca” para tentar justificar a morte de Jean Charles, um imigrante cuja nacionalidade implica uma miscigenação de povos, diferentemente dos britânicos “caucasianos”. Além disso, a revista *Carta Capital* compara Jean Charles a um “coelho encurralado”, optando por um léxico que impressione os leitores, e que pode ser apontado como um traço estilístico da publicação em questão.

A seguir, observemos outras circunstâncias relativas à morte de Jean Charles.

7- O Prédio em que Jean morava estava sendo vigiado porque o endereço havia sido encontrado no dia anterior na mochila de um terrorista. O que fez com que policiais acreditassem que Jean era um possível homem-bomba? O fato de ele ter saído de casa vestindo uma jaqueta sob uma temperatura de 22 graus – um calorão, para os padrões londrinos –, pois podia significar que ele carregava explosivos presos ao corpo? Sua aparência de estrangeiro? Por parecer um tanto apressado?

(Revista *Veja*. São Paulo: Ed. Abril. Ago. 2005. p.86)

8- O jovem brasileiro saiu de um imóvel que estava sendo vigiado, não se disse ainda em busca de quem ou de quem. Vestindo casaco muito pesado para o dia

quente que fazia, levantou suspeitas dos policiais, que o seguiram. Ao mesmo tempo em que pediam instruções a seus superiores, policiais entraram no mesmo ônibus que Jean.

(Revista *Época*. São Paulo: Ed. Globo. Ago. 2005)

9- (...) Uma prima de Jean Charles disse que ele estava usando uma jaqueta de jeans, não uma japona. Um primo, por sua vez, declarou que o visto de Jean não estava vencido como dizem. Não foi por isso que Jean, em suma, correu da polícia, como sustentam várias autoridades e jornais britânicos. Jean teria corrido dos policiais – à paisana – porque recentemente levou um soco no rosto, num bairro ao norte de Londres, sem saber por quê.

(Revista CARTA CAPITAL. São Paulo. Ed. Confiança, ano XI, n.353, Ago. 2005, p.39)

Em relação às “outras circunstâncias” da morte de Jean Charles, as revistas *Veja* e *Época* enfatizam que o prédio em que Jean morava “estava sendo vigiado”, i.e., o agente da ação é elíptico, pois não sabemos exatamente quem estava vigiando o edifício, mas podemos imaginar que provavelmente os policiais da *Scotland Yard* estavam encarregados desta função. A revista *Veja* questiona o fato de o prédio ser vigiado por meio de demanda de bens e serviços e demanda de informações (HALLIDAY, 1994), uma estratégia de interação com os leitores. Já a revista *Época* fornece informações por meio de orações declarativas, que são passíveis de contestação por apresentarem Transitividade e Modo Oração, considerando também o Tema Experiencial Oração “Vestindo casaco muito pesado para o dia quente que fazia”, que está em sua forma reduzida.

Ao contrário das revistas *Veja* e *Época*, a revista *Carta Capital* destaca outras fontes em sua matéria para falar das outras circunstâncias da morte de Jean. Trata-se de sua prima e de seu primo, que desempenham o papel de Dizentes, esclarecendo exatamente qual vestimenta Jean estava usando no dia de sua morte e a questão de seu visto de permanência no Reino Unido. Ao dar voz aos parentes de Jean, a revista *Carta Capital* tenta mostrar que a posição tomada pelas autoridades britânicas em relação ao caso é questionável, o que faz os leitores refletirem mais acerca do assunto. Cabe ressaltar que essa atitude revela o posicionamento da publicação em relação ao fato.

Passemos agora à análise macro a partir da análise micro aqui exposta. Cumpre salientar que o que fazemos é traçar indícios concernentes à maneira como o discurso e o gênero se manifestam nas reportagens, pois neste artigo somente levamos em consideração os trechos selecionados, o que, no entanto, não deixa de ser uma boa oportunidade de perceber a repercussão da morte de Jean Charles sob diversos ângulos.

Quanto ao discurso, na concepção faircloughiana, as revistas em questão expõem a representação da morte de Jean Charles, mas a partir de perspectivas particulares. As revistas *Veja* e *Época* destacam em seus *leads* duas instituições, a polícia inglesa e o governo britânico, respectivamente, o que pode evidenciar um conflito institucional que foi gerado em decorrência do falecimento de Jean Charles, devido a um engano por parte da *Scotland Yard*. O discurso que permeia o *lead* da revista *Veja* focaliza a crueldade dos fatos e, na revista *Época*, o *lead* destaca que o brasileiro era inocente, mas enfatiza a decisão política do governo britânico, que é “atirar para matar”. Desse modo, a revista *Época* pretende nos fornecer uma representação de mundo calcada pela “tirania” do governo britânico, que lamenta o ocorrido, mas não toma medidas eficazes para evitar tal acontecimento no futuro. O que se pode perceber aqui é a heterogeneidade da representação apresentada. Já o *lead* da revista *Carta Capital* também enfatiza a inocência de Jean Charles. Se de um lado, no *lead*, a revista não “chama” uma instituição especificamente, apesar de falar em “direitos civis”, por outro lado, ela opta por incluir uma estrutura que é dificilmente contestável, como anteriormente mencionado, o Absoluto “Europa em pânico”. Esse Absoluto aponta que o continente está em pânico em função da violência gerada a partir de tentativas de segurança desastrosas. Assim, podemos ver que a revista *Carta Capital* retrata a instituição (i.e. a polícia inglesa) de maneira implícita e indireta, fornecendo uma pista através deste Absoluto.

A partir do ponto de vista de van Leeuwen (2005), no tocante ao discurso, podemos perceber a pluralidade de discursos que perpassam os trechos abordados. Um dos interesses das revistas é relatar a morte de Jean Charles. Para tanto, elas fazem uso de recursos discursivos distintos de acordo com seus propósitos. Por exemplo, as revistas *Veja*, *Época* e *Car-*

ta *Capital* incluem o discurso institucional, para contrapor-lhe em defesa de Jean Charles. Além disso, a revista *Carta Capital* insere o discurso racial, como já dito anteriormente, para sugerir que Jean Charles foi morto devido à cor negra de seus cabelos.

No que concerne ao gênero (FAIRCLOUGH, 2003), podemos dizer que o gênero principal dos trechos em questão é o da reportagem, que é composta por pré-gêneros. A título de exemplificação, podemos observar que a *Carta Capital* utiliza o pré-gênero argumentação para tentar justificar e, ao mesmo tempo ironizar, a perseguição a Jean Charles, argumentação essa feita através do discurso racial representado em um Tema Experiencial Oracional. A *Carta Capital* utiliza esse mesmo tipo de pré-gênero para contestar o discurso institucional por meio do relato de parentes de Jean, que são os Dizentes dos Processos Verbais. Esses parentes trazem informações sobre o modo como Jean Charles estava vestido no dia de sua morte, informações essas que contradizem aquelas fornecidas pelas instituições políticas e midiáticas do Reino Unido. Além disso, os gêneros podem ser analisados, segundo Fairclough (2003) como: atividade (a reportagem faz informar os leitores de determinada revista); relações sociais (existe uma relação de poder entre os agentes sociais que participam dessa atividade: o grupo que produz a reportagem, a revista e os leitores. Mas, ao mesmo tempo, há um movimento em direção à solidariedade [ou pelo menos disfarçado dessa forma]: a questão do oferecimento de um “bem cultural”, a informação.); tecnologia comunicativa (trata-se de uma forma de comunicação de mão única e mediada).

De acordo com van Leeuwen (2005), gênero, além de ser uma prática social recontextualizadora de outras práticas sociais, é um conceito que demanda a abordagem da teoria dos atos de fala. A título de exemplificação, consideremos a revista *Época*. Nesta revista, o estágio que apresenta o ato ilocucionário “lamento”, expresso através do Processo Verbal “lamento”, contribui para o mapeamento do gênero deste texto da revista. Este exemplo é dado, levando-se em conta que, na concepção de van Leeuwen, os gêneros podem ser divididos em estágios, o que possibilitaria traçar uma estrutura genérica para as reportagens, nas quais outros atos de fala estão presentes. Ademais, cada estágio possui um propósito, que contribui para

o propósito global das reportagens.

Após termos apresentado essa breve análise de discurso e gênero em trechos de três reportagens, procederemos às considerações finais deste artigo.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma análise de discurso e gênero a partir de uma perspectiva lingüística. Podemos perceber que as revistas fazem uso de uma pluralidade de discursos para representar a morte de Jean Charles. Além disso, o gênero principal dos textos analisados pode ser considerado o mesmo, mas o uso de diferentes pré-gêneros confere uma singularidade a cada uma das reportagens.

Após esse percurso, esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão dos conceitos abordados. Esperamos ter mostrado, no entanto, que as abordagens apresentadas, embora diferentes, não são excludentes, podendo ser utilizadas paralelamente com vistas a uma melhor apreciação dos conceitos de discurso e gênero.

REFERÊNCIAS

- BARELLA, J. E.; RIBEIRO, A. A morte de um inocente. Revista **Veja**. São Paulo: Ed. Abril, Ago. 2005. p.86-87.
- BUTT, D et al. **Using Functional Grammar**: an explorer's guide. 2nd ed. Sydney: Macquarie University, 2000.
- CARTA, G. Liberdade em xeque. Revista **CARTA CAPITAL**. São Paulo: Ed. Confiança, ano XI, n.353, Ago. 2005. p.38-39.
- CAVALLARI, M. M. A dor da guerra. Revista **Época**. São Paulo: Ed. Globo, Ago. 2005.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: Textual Analysis for Social Research. London and New York: Routledge, 2003. Capítulos 4, 7 e 9.
- HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.
- van LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. London and New York: Routledge, 2005. Capítulos 5, 6 e 7.